

## A Narrativa Inquieta - Simone de Beauvoir e Anne Karpt: vigor nas reflexões sobre o envelhecer

*The Restless Narrative - Simone de Beauvoir and Anne Karpt: vigor in the reflections on aging*

*La narrativa inquieta: Simone de Beauvoir y Anne Karpt - vigor en los reflejos sobre el envejecimiento*

Monique Borba Cerqueira

**RESUMO:** Este trabalho ressalta a atitude, o compromisso e as particularidades de duas autoras, Simone de Beauvoir e Anne Karpt, ao tematizarem o fenômeno do envelhecimento em livros de ampla circulação mundial – *A Velhice*, e *Como Envelhecer*, respectivamente. O estilo impresso nessas obras vai além do conhecimento amplo e rigoroso sobre a velhice; demonstra também cumplicidade com uma causa e a possibilidade de transformação social.

**Palavras-chave:** Narrativa Inquieta; Simone de Beauvoir; Anne Karpt; *A Velhice*; *Como envelhecer*.

**ABSTRACT:** *This paper emphasizes the attitude, commitment and particularities of two authors, Simone de Beauvoir and Anne Karpt, when thematizing the phenomenon of aging in books of wide world circulation – Old Age and How to Grow Old, respectively. The style printed in these works goes beyond the broad and rigorous knowledge of old age, also demonstrates complicity with a cause and the possibility of social transformation.*

**Keywords:** *Restless Narrative; Simone de Beauvoir; Anne Karpt; Old age; How to grow old.*

**RESUMEN:** *Este trabajo enfatiza la actitud, el compromiso y las particularidades de dos autores, Simone de Beauvoir y Anne Karpf, cuando tematizan el fenómeno del envejecimiento en libros de amplia circulación en todo el mundo: Vejez y Cómo envejecer, respectivamente. El estilo impreso en estas obras va más allá del conocimiento amplio y riguroso de la vejez; También muestra complicidad con una causa y la posibilidad de transformación social.*

**Palabras clave:** *Narrativa inquieta; Simone de Beauvoir; Anne Karpt; Vejez; Cómo envejecer.*

## **Introdução**

Este não é mais um texto sobre envelhecimento a mencionar no primeiro parágrafo a transição demográfica, em tom grave. Não se pretende também contextualizar o envelhecer, citando a múltipla e exacerbada produção de conhecimento sobre o tema nas últimas décadas. Embora o olhar sobre a velhice e o envelhecimento seja nosso objeto privilegiado, trata-se de transcender às repetições para além da produção que caracteriza e qualifica os grupos longevos ao longo dos últimos anos. Nosso desejo é discutir a distinção, a força, o protagonismo de narrativas sobre o envelhecimento cujo diferencial é a implicação do sujeito com a própria velhice. Trata-se de uma postura narrativa que aponta para o ultrapassamento em relação ao conservadorismo dos discursos normativos que identificam o envelhecimento à decadência, doença, pobreza e tantas outras formas de exclusão que se atualizam permanentemente. Para isso é preciso marcar posições expressas em atitudes claras.

Paremos de trapacear; o sentido de nossa vida está em questão no futuro que nos espera; não sabemos quem somos, se ignorarmos quem seremos: aquele velho, aquela velha, reconheçamo-nos neles. Isso é necessário, se quisermos assumir em sua totalidade nossa condição humana. Para começar, não aceitaremos mais com indiferença a infelicidade da idade avançada, mas sentiremos que é algo que nos diz respeito. Somos nós os interessados (Beauvoir, 2018, p.11).

Ao se referir aos modos de envelhecer, Simone de Beauvoir desloca o futuro do tempo cronológico e chama a atenção para o fato de que a velhice não está logo ali no futuro, está no momento presente, como condição sem a qual a civilização é incapaz de se reconhecer em seu compromisso humano com todos aqueles que lhes são semelhantes. A autora de *A Velhice* puxa um gatilho que nos faz acompanhar uma potente narrativa que abraça a velhice na tentativa de transformá-la pelo miolo, procurando alterar seu estatuto negativado em uma condição de infinitas possibilidades. A proposição de Beauvoir em *La vieillesse* sublinha a velhice como compromisso societário, dá centralidade a uma obra que se expressa num discurso limpo, sem obscuridades ou hesitações. Eventualmente, há algo de malcriado em sua narrativa, o que se explica principalmente porque a autora é profundamente implicada com o seu objeto.

Outra autora que surge recentemente com um trabalho importante no sentido de alterar o eixo da narrativa conservadora sobre o envelhecimento contemporâneo é Anne Karpf, a socióloga e jornalista inglesa que escreveu o livro *Como Envelhecer*, publicado no Brasil em 2015. Injustamente na lista de autoajuda, este livro não pretende ensinar ou produzir soluções rápidas de como envelhecer. Os escritos de Anne Karpf nos convidam a quebrar o paradigma negativo sobre a velhice com muita inteligência, ao encararmos o passar do tempo como experiência enriquecedora. A autora mostra que, nos dias atuais, pessoas com 30 anos ou menos, já sofrem dolorosamente com o medo de envelhecer; na faixa de 50-60 anos já optaram por intervenções produtoras de uma aparência mais jovem. Sob essa lógica, envelhecer passa a ser associado à negação radical de uma fase da vida marcada por um cenário de profundo medo social. Um dos pontos em que Karpf se reúne ao pensamento de Beauvoir é exatamente quanto à disposição de reforçar e dar concretude à humanidade de quem envelhece. Os velhos, sua riqueza interior, suas paixões, devem ganhar visibilidade na cena social; trata-se do desafio de viver uma vida plena em qualquer idade. A proposta de Karpt é uma bela ferramenta para desmistificar e dar transparência à vida roubada pelo preconceito e intolerância que obscurecem o processo de envelhecer.

É a partir da abordagem às autoras Simone de Beauvoir e Anne Karpf, nos livros *A Velhice*, e *Como Envelhecer*, respectivamente, que sugerimos algumas reflexões sobre um potente e criativo domínio narrativo, em oposição aos discursos mais previsíveis e cristalizados sobre o envelhecimento.

### **Simone de Beauvoir, um estilo pujante de encarar a velhice**

É simpática e irreverente a campanha feminista de 2015, “Lute como uma garota!”. Parodiando as meninas, poderíamos imaginar o mote “Lute como uma velha” poderia provocar a máxima estranheza sobre a nossa escuta social. Talvez “Lute como uma Senhora” pudesse ser um pouco mais palatável; afinal, “senhora” é um pronome de tratamento que, mesmo conservador, é um título de cortesia dado à mulher. Hoje, o tratamento “senhora” é muitas vezes atribuído à mulher como uma insígnia ou um dano, especialmente quando considerado simplesmente como um indicativo de passagem do tempo.

“Uma pessoa fica sempre sobressaltada quando a chamam de velha pela primeira vez”, observa O.W. Holmes. Eu estremeci, aos 50 anos quando uma estudante americana me relatou a reação de uma colega: “Mas então Simone de Beauvoir é uma velha!”. Toda uma tradição carregou essa palavra de um sentido pejorativo – ela soa como um insulto (Beauvoir, 2018, p. 302).

No trecho acima, a autora descreve o complexo peso carregado pelo indivíduo que envelhece. Enquanto o adolescente tem a consciência de estar passando por uma fase de transição em que assiste à transformação evidente do seu corpo, o idoso “sente-se velho através dos outros”, sem ter experimentado rápidas mudanças, mas lentas mutações (pp. 305-306). Sem dúvida: “Nada deveria ser mais esperado e, no entanto, nada é mais imprevisto que a velhice” (p. 10). Nas palavras de Beauvoir, a necessidade que muitos de nós tivemos em momentos dramáticos da infância e adolescência em que implorávamos para chegar logo à idade adulta, não ocorre na velhice. Esse já é um forte indicador de que o período que se avizinha para homens e mulheres adultos sugere que o peso da maturidade sequer deveria existir ou, na melhor das hipóteses, deveria se encontrar o mais distante possível da realidade.

A autora afirma que, até que se abata sobre nós, a velhice é uma coisa que só concerne aos outros. Essa inconsciência da velhice que transita por uma negação individual e coletiva de uma fase da vida contribui para que possamos compreender o fato de que a sociedade passe a nos impedir de ver nos velhos nossos semelhantes (p. 11).

Beauvoir percorre o processo de envelhecimento com um olhar de dentro para fora, assentado em uma visão sensível e atenta que transborda às assertivas lineares que sustentavam o contexto do envelhecer até então. Além de forjar um texto detalhado e exuberante sobre a velhice, preenchendo uma importante lacuna na literatura, a autora cria uma experiência narrativa verdadeiramente imersa na questão da velhice. Beauvoir aponta limites e dificuldades a partir da vida vivida por ela própria até aquele momento, suas dores, dúvidas e insubmissão. O *livro A Velhice* é, portanto, uma aventura existencial e uma espécie de catarse pessoal marcada por uma forte carga emotiva. O produto dessa empreitada é um livro vivo, suas páginas parecem respirar. Beauvoir é a narradora sem intermediários; é ela quem identifica as distorções e vocaliza demandas por justiça numa sociedade tão pouco afeita às necessidades e aos dramas da velhice, seus vazios e esquecimentos. A textualidade e a capacidade de se responsabilizar pelas provocações e polêmicas estabelecidas promovem uma intervenção política, acadêmica e literária legitimada por argumentos incontestes.

(...) o sentido ou o não sentido de que se reveste a velhice no seio de uma sociedade coloca toda essa sociedade em questão (...) (Beauvoir, 2018, p. 14).

É bem verdade que, ao longo de toda a vida da autora, o seu modo de ser voluntarioso tornou-se bem conhecido nos quatro volumes de suas memórias publicados entre 1958 e 1972 — *Memórias de uma moça bem-comportada, A força da idade, A força das coisas e Balanço final*.

Não há como negar que Simone de Beauvoir seja uma escritora lindamente enredada em si mesma. A sua vida e a sua obra demonstram uma extrema cumplicidade consigo mesma. Trata-se de uma pessoa obstinada.

Desde menina o enfrentamento da realidade era um combate pautado pelo modo de ser inconformista, inflamável:

Quando se toca em Simone, “ela fica roxa de raiva”, dizia mamãe. (...) Papai, parodiando não sei quem, divertia-se em repetir: “Essa menina é insociável”. Diziam, também, não sem uma pitada de orgulho: “Simone é cabeçuda como uma mula”. Tirei vantagem disso. Tinha caprichos, desobedecia simplesmente pelo prazer de não obedecer.

Nas fotografias de família, eu mostro a língua, viro as costas e, em torno de mim, os outros riem. Essas pequenas vitórias animavam-me a não considerar insuperáveis as regras, os ritos, a rotina (Beauvoir, 2009a, p. 18). Interroguei a mim mesma muitas vezes acerca da razão e do sentido de minhas fúrias. Creio que elas se explicam, em parte, por uma vitalidade ferosa e por um extremismo a que nunca renunciei completamente (p.17).

Talvez porque Beauvoir tenha assumido viver intensamente todas as idades — a criança, a moça e a mulher — reuniu condições igualmente apaixonadas e transgressoras, ao publicar suas pesquisas sobre a velhice aos 62 anos. Foi assim que ao buscar o conhecimento sobre qual seria a percepção da sociedade sobre os idosos, a autora acaba escancarando os valores e prioridades que atravessam o mundo social, indicando o “não lugar” dedicado aos mais velhos. O quadro funesto do envelhecimento verificado por ela não cabia em nenhuma perspectiva de liberdade que desde muito cedo iluminou a sua vida. A aliança com a liberdade foi um acontecimento descoberto no início de sua vida, algo que ganhou concretude quando compartilhado com seu amor por Jean-Paul Sartre:

(...) confiávamos no mundo e em nós mesmos. Éramos contra a sociedade em sua forma atual; mas esse antagonismo nada tinha de melancólico: implicava um robusto otimismo. O homem devia ser recriado e essa invenção seria em parte obra nossa (Beauvoir, 2009b, p. 15). Nada, portanto, nos limitava, nada nos definia, nada nos sujeitava; nossas ligações com o mundo, nós é que as criávamos; a liberdade era nossa própria substância (p. 18).

O tema de fundo, nesses escritos de Beauvoir sobre a velhice, aponta para uma transformação radical dos valores e das estruturas sociais como condição para melhorar a vida dos velhos. A crítica ao capitalismo como eixo central de *La vieillesse*, tomando os velhos como excluídos, improdutivos e sem futuro, exhibe uma sociedade que se afirma em seu papel usurpador de direitos. Aqui emerge o trato ético, filosófico, assim como o ímpeto revolucionário decisivo que fazia com que os estudos sobre a velhice estivessem afinados à produção literária da autora.

Sobretudo, o sentido de liberdade é emprestado aos escritos sobre a velhice — liberdade como autoconsciência, atitude, conduta, bandeira de luta social em defesa de uma humanidade mais autêntica e que não se acovarda diante da realidade.

### **Velhice e Envelhecimento — Como resistir a uma produção literária morna**

Somos submetidos permanentemente ao bombardeio de informações desprovidas, quase sempre, de qualquer discussão sobre o envelhecimento. Ainda que muitos estudos, conhecimentos e profissionais estejam envolvidos na problemática dos segmentos longevos, grande parte não está verdadeiramente implicado nas rotinas da velhice.

Mesmo assim, um imenso aparato de produtos, serviços e discursos emblemáticos tentam nos convencer de que dominam todos os aspectos da realidade do envelhecimento, suas necessidades, práticas e cuidados, muitas vezes, sem contemplar uma plasticidade e delicadeza próprias ao tema.

Tais iniciativas também sugerem uma certa avidez quanto a imposição de soluções para as questões do envelhecer, eventualmente travestidas por uma rubrica científica ou biomédica.

Ao analisarmos a produção sobre a velhice chama a atenção o fato de que o discurso sobre o envelhecer, em geral, não é vibrante. Exceto por algumas biografias que transbordam em intensidade, dissertar sobre a velhice parece ser por si só algo que exige circunspeção, alguma sisudez e geralmente, distanciamento. Narrativas em terceira pessoa, bem ao gosto acadêmico, proliferam. Em sua grande maioria, na produção literária, os velhos continuam a ser o outro da narrativa, aquele que é abordado em sua exterioridade; avaliados recorrentemente, não escapam a análises precisas, categóricas e equilibradas.

A velhice não é um tema carregado por um discurso veemente, intenso, vigoroso, verdadeiramente legitimado pelos grupos longevos ou imersos em noções transformadoras ou de ultrapassamento da realidade. Geralmente, o processo de envelhecer é descrito de modo uniforme, seja na literatura especializada ou no discurso dirigido ao grande público, prevalece a narrativa comedida, a reprodução de pressupostos e clichês instituídos e seus repertórios de conservação.

O saber sobre o velho é repetitivo, circular e cujo didatismo universalista, muito bem-sucedido, fixa a realidade nos seguintes termos: o idoso é frágil, deve orbitar no âmbito dos serviços de saúde e permanecer confinado ao discurso biomédico.

Já a perspectiva não menos esdrúxula do envelhecimento ativo estabelece que o velho para ser ativo deve se entregar aos desafios da vida moderna, trabalhar, namorar, estudar etc. A prática do “tu deves” encontra-se plenamente em voga no pacote ideológico oferecido à população que envelhece.

Atualmente, a não ser pelas atrações comerciais veiculadas pela propaganda voltada ao público que envelhece, é diminuto o entusiasmo sobre o envelhecer no discurso midiático. Exceção à regra são as notícias sobre as *performances* dos chamados “super idosos” — aqueles que dão a volta ao mundo de motocicleta, escalam o monte Everest, surfam ou praticam esportes radicais, os mais diversos. Em geral, envelhecer não é um processo descrito com força, com alma.

Embora tenha havido uma incrível mudança no cenário contemporâneo que nos separa do lançamento do livro *A Velhice*, após a publicação em 1970, sua atualidade é marcada pelo arrojo da produção textual.

Descreverei a situação que se reservou aos velhos e a maneira como eles vivem; direi tudo aquilo que – desvirtuado pelas mentiras, pelos mitos, pelos clichês da cultura burguesa – se passa realmente em suas cabeças e em seus corações (Beauvoir, 2019, p. 8).

No livro, o tom e a força que lhe precedem evidenciam Simone de Beauvoir como uma intelectual que, ao escrever sobre a velhice, tem absoluta clareza do que significava agir como sujeito. Essa grande escritora, romancista, atuante no movimento de liberação das mulheres nos anos 70, tinha um compromisso visceral com tudo o que fazia, animada por uma forte personalidade e por um pacto respeitoso consigo mesma. O trabalho intelectual carregava em si a denúncia sobre uma velhice duramente repelida no tecido social. A ideia era quebrar o silêncio, dizia Simone: “Para a sociedade, a velhice aparece como uma espécie de segredo vergonhoso, do qual é indecente falar” (p. 7).



Em seus escritos o que se verifica prontamente é que qualquer polêmica sobre os velhos, seus direitos, sua fragilidade, não foram tratadas como questões meramente ilustrativas ou periféricas.

Exigir que os homens permaneçam homens em sua idade mais avançada implicaria uma transformação radical. Impossível obter esse resultado através de algumas reformas limitadas que deixaria o sistema intacto: é a exploração dos trabalhadores, é a atomização da sociedade, é a miséria de uma cultura reservada a um mandarinato que conduzem a essas velhices desumanizadas. É por isso que a questão passa tão cuidadosamente em silêncio; é por isso que urge quebrar esse silêncio: peço aos meus leitores que me ajudem a fazê-lo (Beauvoir, 2018, p. 12).

A singularidade do protagonismo dessa narrativa é afinada com a produção de um conhecimento em que o processo de envelhecimento é assumido do alto da condição do sujeito. A ferramenta escrita é acionada como instrumento de afirmação das convicções sociais em luta contra os preconceitos, o isolamento e os silêncios que recaem sobre os mais velhos.

A velhice denuncia o fracasso de toda a nossa civilização. É o homem inteiro que é preciso refazer, são todas as relações entre os homens que é preciso recriar se quisermos que a condição do velho seja aceitável (p. 563).

Há uma profundidade nas abordagens sob a perspectiva marxista, seguida de uma postura bélica ao encarar a velhice. É num tom provocativo que Beauvoir não se nega ao enfrentamento da realidade; antes, sugere aos idosos “viver uma vida engajada”. Somente atribuindo valor a própria vida e à vida dos outros, conserva-se o sentido de viver, “através do amor, da amizade, da indignação, da compaixão” (Ibidem, p. 561). A autora diz ainda que preparar a sua velhice não significa seguir os conselhos de sempre: juntar dinheiro, ter *hobbies* e um lugar para onde ir, mas viver uma vida engajada, justificada para si e para os outros; é preciso continuar a perseguir fins que tragam sentido às nossas vidas.

No livro *A força das coisas*, um dos volumes de sua biografia, a autora mostra o nível de cumplicidade com aquilo que escreve: “Desejei que meu sangue circulasse nessa narrativa” (Beauvoir, 2009c, p. 9). Ser sujeito da própria velhice exige um compromisso ético, político, do qual não se pode fugir.

(...) como deveria ser uma sociedade para que, em sua velhice, um homem permanecesse um homem? A resposta é simples: seria preciso que ele sempre fosse tratado como homem (Beauvoir, 2018, p. 562).

A crítica social como valor intrínseco a uma sociedade exausta de si mesma soma-se à lucidez das análises originais, certeiras e desconcertantes.

O que caracteriza a atitude prática do adulto para com os velhos é sua duplicidade. O adulto inclina-se até certo ponto à moral oficial que vimos impor-se nos últimos séculos, e que obriga a respeitar os velhos. Mas ele tem interesse em tratar os idosos como seres inferiores e em convencê-los de sua decadência (p. 229).

Uma analítica de desmascaramento das relações sociais estabelece uma visão inédita da velhice e vem revolver e dar a luz às reais condições de subalternidade em que vivem aqueles que envelhecem.

É de maneira dissimulada que o adulto tiraniza o velho que depende dele. Não ousa abertamente dar-lhe ordens, pois não tem o direito a sua obediência: evita atacá-lo de frente, manobra-o... Mina-se a resistência do ancião, oprimindo-o com cuidados exagerados que o paralisam, tratando-o com uma benevolência irônica, falando-lhe em linguagem infantil, e até mesmo, trocando, por trás dele, olhares de entendimento e deixando escapar palavras ferinas (p. 229).

Estamos diante de uma ofensiva textual em defesa de um universo humano alijado do contexto de justiça, uma vez que é complexa a vida experimentada pelos mais velhos, indicando que, nesse caso, a vulnerabilidade social tem frequentemente um ponto de correção que se torna inatingível na nossa sociedade.

Sem dúvida, não somente o ineditismo e a ousadia tornam *A Velhice* um clássico. Diz Beauvoir: “Em toda a minha existência não encontrei ninguém que fosse tão dotada para a felicidade quanto eu, ninguém tampouco que se prendesse a isso com tamanha obstinação” (Beauvoir, 2009b, p. 24). A felicidade chega como a concretização de um complexo projeto literário, construído com um propósito de refletir sobre a vida daqueles que envelhecem, tema revelador de aspectos socialmente extremos. Trata-se de uma empreitada aguerrida e libertária, capaz de mover o mundo da escritora, mas não sem angústia, experimentada como compromisso com os leitores que receberam *A Velhice* como escritura única.

### **Velhice e envelhecimento: reconstruções da narrativa**

A escritora, socióloga e jornalista Anne Karpt faz um registro simples, mas também muito arrojado devido à fina percepção sobre o desafio de ser velho. Em seu livro *Como Envelhecer*, um instrumento claro e pedagógico percorre e busca desmistificar uma série de ideias que engessam e podem marcar de forma negativa e indelével o cotidiano de quem envelhece. A profunda sagacidade da autora traz à cena social problemas que pareciam insolúveis, temíveis diante do debate dificultado pelo excesso de informação e rara discussão sobre o assunto. Uma grande confusão de vozes, veiculando diferentes interesses; imprecisões, carregadas por brutalidades e tolices sobre o envelhecer sufocam o cotidiano dos segmentos mais velhos. A ausência de complicação do livro, ao se comunicar com o público de modo prático e direto, faz pensar e estimula a reflexão, jamais pretendendo dar receitas de como envelhecer. Estamos falando de uma escrita que não automatiza o leitor, não traz conforto, não sugere soluções fáceis, mas introduz boas ideias, especialmente provoca novas formas de refletir sobre o envelhecimento.

Uma vida plena em qualquer idade; é disso que se trata e o que propõe, em linhas gerais, o trabalho de Karpt. Trata-se de uma postura de resistência e crítica aos estereótipos da velhice. Ela diz que “o tempo não rouba a essência da pessoa” (Karpt, 2015, p. 72). O desafio de envelhecer passa a ser simplesmente o desafio de viver. Viver plenamente em qualquer idade. A autora trabalha as possibilidades que existem no envelhecimento e nos estimula a pensar sobre as que não existem, mas podem ser criadas. Karpt nos estimula a pensar de outra maneira sobre o envelhecer, o que é uma urgência e uma dádiva para todos nós.

A “forma como a nossa cultura marginaliza empobrece e diminui” os velhos com o intuito de cortar-lhes os vínculos com a própria vida, faz da velhice uma descontinuidade radical.

Desde 1951, ninguém nos Estados Unidos morre de velhice. Esse foi o ano em que a velhice foi excluída dos atestados de óbito como causa da morte; desde então, você só pode morrer de doença (Karpf, 2015, p. 149).

Quando a velhice deixa de ser considerada causa de morte, ela passa a orbitar na esfera biomédica de onde nunca mais saiu. A velhice passou a ser associada à doença, estando presa à biologização do sentido da vida. A entronização contemporânea do valor saúde faz com que o discurso médico passe a ditar comportamentos, escolhas e padrões para uma vida saudável (Cerqueira, 2016). Tal é a atual armadilha contemporânea que identifica a velhice à doença, produzindo ainda mais estereótipos aos quais se somam os já tradicionais.

Para termos uma experiência de envelhecimento diferente, precisamos projetar um modelo alternativo de envelhecer: um que reconheça que o processo começa no nascimento, nunca cessa e sempre tem o potencial de enriquecer nossas vidas (Karpf, 2015, p. 43).

É preciso estranhar a naturalidade que se impõe ao aprisionamento cronológico da velhice em apenas uma fase da vida. Pensar o envelhecer desde o nascimento é uma forma de lidar com as mudanças internas e externas do ser humano de um modo muito mais sábio e consciente.

Karpf usa, como fio condutor do seu livro, a personagem Gina, que acaba de completar 30 anos e se angustia ao descobrir o segundo fio branco em seus cabelos. Seus pais, na faixa entre 55 e 65 anos, comportam-se como se tivessem 15 a menos.

Um movimento de infantilização da vida se junta à estética obrigatória baseada no estilo “eternamente jovem”. A sociedade se comporta como se pretendesse fugir ao *bullying* agressivo e multifacetado dirigido aos mais velhos, mantendo esse mesmo *bullying* como estratégia de defesa ao “aterrador” mundo da velhice. Seja qual for o artifício, o atalho ou a alternativa adotada, o resultado é que todos vão envelhecer.

A linguagem é apocalíptica: “um terremoto etário”, uma “bomba relógio demográfica”, ou um “tsunami grisalho” (escolha a sua metáfora catastrófica). Não corremos mais o risco de uma invasão de marcianos, e sim de pessoas velhas — invariavelmente retratadas como um grande problema social e sugadoras de recursos, em vez de como um recurso em si (Karpf, 2015, p. 44).

A autora nos convida a pensar que temos que nos livrar do chamado “modelo deficitário” do envelhecimento, como se ele só trouxesse perdas, pois os fantasmas enxergados pelo discurso da falta carregam a sociedade com as tensões mais horripilantes sobre a velhice. Nora Ephron, em “Meu pescoço é um horror”, é apontada por Karpf como símbolo de uma narrativa de humor sobre o desconforto da mudança corporal pela qual todos passamos.

Ah, o pescoço. Existem pescoços de galinha. Existem pescoços de peru. Existem pescoços de elefante. Existem pescoços com pelancas e pescoços com dobras que estão prestes a se tornar pelancas. Existem pescoços esqueléticos e pescoços gordos, pescoços flácidos, pescoços encarquilhados, pescoços com faixas, pescoços enrugados, pescoços fibrosos, pescoços moles, pescoços cheios de manchas... Para conhecer a idade de uma árvore, é necessário cortá-la, mas isso não seria necessário se ela tivesse um pescoço (Karpf, p. 52).

A velhice não combina com a intensificação do culto ao corpo contemporâneo. No entanto, a preocupação exacerbada com o corpo atravessa as classes sociais numa trajetória que cresce impulsionada pela mídia. É um movimento que acaba encarcerando a todos numa ditadura que maximiza o valor da imagem e uniformiza a estética, desrespeitando a natureza e a diversidade dos corpos.

...a previsão é de que em 2015 o mercado anti-idade movimentará mais de 290 bilhões de dólares em todo o mundo. A terceira idade, no momento, só pensa em consumir — produtos, procedimentos e atividades de lazer (Ibidem, p. 59).

O mercado de consumo anti-idade anuncia seus produtos ao mundo e, em meio aos bilhões de dólares faturados anualmente, recomenda-se que os tratamentos iniciem na mocidade. Ninguém escapa à histeria coletiva que rejeita o envelhecer.

Talvez a maior calúnia contra as pessoas mais velhas — e a que mais assusta os que ainda não são velhos, seja a crença de que o envelhecimento tira toda a nossa vitalidade (Karpf, 2015, p. 74).

Karpt mostra que, ao tentar cada vez mais frear o envelhecimento, as pessoas padecem hoje com a ameaça de dismorfia corporal, uma visão distorcida do corpo e da própria aparência que transita de problema individual para cultural. O monitoramento da mídia sobre a idade em busca de sinais de envelhecimento é automático e perseguidor, incitando o medo em quem envelhece e afirmando cada vez mais modalidades de repelir a velhice.

Chegada a hora, quando se constata os problemas disparados pelo envelhecimento, não existe modelo para envelhecer bem. “A melhor forma é a sua forma” (Ibidem, p. 143). A autora clama pela reflexão e singularidade na tentativa de destravar a força e inspiração de milhões de pessoas que envelhecem.

O assombro diante da velhice sofreu modificações ao longo do tempo, mas na cena contemporânea, a sociedade vem expressando um forte temor de envelhecer que parece cada vez mais se intensificar. Basta olharmos as crescentes alternativas que o mercado disponibiliza para aqueles que desejam adotar em suas vidas produtos e estratégias voltadas para o anti-envelhecimento. A rejeição às marcas do tempo permanece com força e capilaridade. Sob essa lógica, o corpo é um objeto preservado, incólume diante das transformações naturais da vida. A memória, a agilidade física, sexual, e a capacidade de se dedicar com energia a toda e qualquer empreitada, é fruto de uma fonte inesgotável que jamais secará.

Uma ideia fantasiosa de juventude eterna é compartilhada socialmente como pano de fundo de toda uma reação coletiva ao envelhecimento. Tudo isso faz com que chegar à velhice pareça uma experiência abrupta, como cair de uma canoa, repentinamente num cânion. “Como assim?”. O sujeito deve se perguntar com repulsa e falta de empatia sobre essa nova realidade chamada velhice. Muitos sinais o ajudam a fazer o acoplamento com essa nova realidade — os sinais corporais, o abraço da biomedicina, a aposentadoria etc. É um momento que alguns incômodos se aprofundam. A culpa pelos cabelos brancos indica a preocupação de como o outro vai lidar com a sua imagem, antes forte, impecável e agora caída. Nessa perspectiva, envelhecer é sinônimo de uma decadência indiscutível.

O sabor desta constatação traz um pequeno alívio quando é possível constatar a mesma situação ao observarmos o outro: “Fulano está muito acabado, nem reconheci”. Claro, o não reconhecimento, a invisibilidade social é um dos marcadores sociais mais tirânicos da velhice. Poderia ser diferente? Poderia.

Nunca foi tão bom envelhecer. Isso pode parecer uma afirmação curiosa, depois do inventário de gerontofobia, preconceito e discriminação que descrevemos nas páginas anteriores. Mas nunca houve uma época melhor para contestar as narrativas de declínio e resistência ao envelhecimento e para buscar outras pessoas no crescente movimento de aceitação do envelhecimento — aqueles que são a favor da idade (Karpf, 2015 p. 176).

Sabemos que não há qualquer produto ou procedimento que nos tornará blindados contra o envelhecimento. Karpt dispara sua coerência como política de resistência. A alternativa mais sábia e generosa é lutarmos contra a estigmatização da velhice para podermos nos identificar cada vez mais com ela. O tempo passa para todos, mas não há o que temer, este é um paradigma amplamente democrático.

## Considerações Finais

A importância de narrativas singulares que discutam com transparência os problemas e concepções que cercam o envelhecimento e os fenômenos que envolvem a velhice são vitais para transformação de um discurso quase unânime, validado socialmente e responsável por um cenário de absoluta negatividade sobre a velhice.

Que fique bastante claro: Beauvoir e Karpt baseiam-se na crítica da realidade, das injustiças e dos costumes que ferem e diminuem as capacidades dos mais velhos. As autoras não flertam com modelagens universais que rotulam o envelhecer, nem com regras prescritivas para a totalidade dos segmentos que envelhecem. A sua militância pelo envelhecimento é baseada na liberdade de escolhas, na afirmação dos valores humanos e na plenitude da vida em qualquer idade.

Identificar-se com o cotidiano de um velho e sua realidade amplamente rejeitada, inclusive por ele, pode ser desgastante e assustador. Mas não é isso o que nos sinalizam as obras de Beauvoir e Karpf. Ainda que elas precisem mexer nas feridas sociais e humanas, herdadas pelo processo de envelhecimento em sua trajetória histórica, as autoras fazem soprar ventos muito auspiciosos sobre os modos de envelhecer, nos ensinando como desconstruir seus mitos. Sem dúvida, elas mostram que a mudança deve ser o pacto de uma sociedade inteira. Mesmo quando Beauvoir descreve os velhos nas situações mais humilhantes, há a tentativa de despertar interesse e dar transparência a fatos avessos aos padrões mínimos de civilidade. Ambas as autoras têm em comum o convite à reflexão, ao debate e à mudança do pensamento reverso sobre a velhice. São escritoras que vibram com a possibilidade de falar aos seus leitores sobre a velhice, conhecem o seu desconforto e buscam compreender o processo de envelhecer de forma ampla e fecunda.

Simone de Beauvoir e Anne Karpf são donas de narrativas inquietas sobre a velhice e o envelhecimento. É possível fazer um paralelo em relação à atitude vibrante e propositiva das autoras e o compromisso que demonstram em suas obras. Ambas mostram uma preocupação com seus leitores; optam pela clareza de ideias para tornar possível a divulgação de sua bandeira pela via literária.

*La vieillesse* mostra o envelhecimento como um fenômeno construído socialmente, segundo o qual se intensificam a desvalorização e exclusão de segmentos humanos. *Como envelhecer* nos ilumina e questiona sobre por que não viver plenamente



em qualquer idade ou fase da vida. Estamos falando de uma feliz complementaridade de visões, atitudes e perspectivas no tocante ao envelhecimento.

## Referências

- Beauvoir, S. de. (2009a). *Memórias de uma moça bem-comportada*. Sergio Milliet, Trad. Rio de Janeiro, RJ: Nova Fronteira. (Orig.: *Mémoires d'une jeune fille bien-rangée*, 1958, Editions Galimard).
- Beauvoir, S. de. (2009b). *A força da idade*. (2ª ed.). Sergio Milliet, Trad. Rio de Janeiro, RJ: Nova Fronteira. (Orig.: *La force de l'âge*, 1960, Editions Galimard).
- Beauvoir, S. de. (2009c). *A força das coisas*. Maria Helena Franco Martins, Trad. Rio de Janeiro, RJ: Nova Fronteira. (Orig.: *La force des choses*, 1963, Editions Galimard).
- Beauvoir, S. de. (2009d). *Balanço Final*. Rita Braga, Trad. Rio de Janeiro, RJ: Nova Fronteira, (Orig.: *Tout Compte Fait*, 1972, Editions Galimard).
- Beauvoir, S. de. (2018). *A velhice*. Maria Helena Franco Martins, Trad. (3ª ed.). Rio de Janeiro, RJ: Nova Fronteira, (Orig.: *La Vieillesse*, 1970, Editions Galimard).
- Cerqueira, M. B. (2012). Digressões sobre Saúde, Envelhecimento e Vida Saudável na Contemporaneidade. *Mediações - Revista de Ciências Sociais*, 17(2), 26-40. Recuperado em 30 março, 2019, de: DOI: 10.5433/2176-6665.2012v17n2p26.
- Karpt, A. (2015). *Como envelhecer*. Michele Gerhardt MacCulloch, Trad. Rio de Janeiro, RJ: Objetiva. (Orig.: *How to age*, 2015).

Recebido em 30/03/2019

Aceito em 30/06/2019

---

**Monique Borba Cerqueira** - Pesquisadora Científica do Núcleo de Práticas e Políticas de Saúde do Instituto de Saúde. Mestrado em Sociologia, Universidade Estadual de Campinas, UNICAMP. Doutorado em Serviço Social Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC-SP. Pós-Doutorado no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, PUC-SP. São Paulo, SP, Brasil.

E-mail: moniqueb@terra.com.br